

Múltiplos corpos na dança contemporânea: observações sobre a Cia. DIN A13

Júnia César Pedroso (UNESP)

GT: Pesquisa em dança no Brasil: processos e investigações

Palavras Chaves: Dança, diversidade, corpo, deficiência

Em *Vidas desperdiçadas* (2005), BAUMAN afirma que a sociedade contemporânea, no seu ímpeto de modernização e progresso econômico a todo custo, produz desigualdade, marginalização e exclusão de seres humanos. Da mesma forma que as indústrias produzem grandes quantidades de lixo (denominado refugo) na confecção de suas mercadorias, também o convívio humano produz seres humanos refugados, descartados. O sociólogo identifica especialmente os indivíduos excluídos do mercado de trabalho e os exilados, aqueles que não acompanharam o processo de modernização.

Existe um “excesso”, pessoas que são dispensáveis, descartáveis pelo progresso econômico: os improdutivos, inaptos, deslocados, marginais, que não produzem e não consomem. Todos devem ser produtivos, ainda que não sejam os donos de seu produto. Não se reconhecem nele, porém cumprem sua função na cadeia produtiva.

Os seres humanos são chamados a se transformarem constantemente, a fim de não serem deixados para trás, em busca de perfeição (que significa ordem, utilidade e beleza). Devemos ser belos e vendáveis: excelentes mercadorias para consumo rápido, julgando e sendo julgados segundo padrões socialmente determinados, que se repetem e se sustentam em todos os âmbitos da vida social.

Nesta sociedade excludente, a auto-identidade (o “*eu compreendido reflexivamente pela pessoa em termos de sua biografia*”, segundo GIDDENS, 2002, p.72) é construída a partir das informações sociais e psicológicas geradas por esta cultura da massificação, do refugo, do consumo. Por outro lado, a própria idéia de que “cada pessoa tem um caráter único e potencialidades sociais que podem ou não se realizar” (GIDDENS, 2002:74) surge apenas na modernidade.

Muitas possibilidades tornam-se aparentemente disponíveis e o indivíduo tem que escolher todo o tempo, sendo responsável pela construção da sua identidade. Entretanto, a condição social barra as escolhas pessoais, através de mecanismos que categorizam as pessoas como desejáveis ou não.

GOFFMAN (1963:12) define o conceito de estigma como um atributo que torna o indivíduo diferente dos outros e menos desejável, contendo especialmente um efeito de descrédito. Assim, uma característica única do indivíduo pode ser tomada pelo todo, tornando-o desacreditado e excluído. As deficiências físicas são estigmas que conduzem à exclusão, limitando o campo de atuação do indivíduo e determinando aspectos de sua auto-imagem e auto-identidade.

Mas como o indivíduo estigmatizado pela deficiência física se insere na dança? A postura e o deslocamento pelo espaço são diferenciados, tanto quanto algumas qualidades do movimento (referentes ao tônus muscular, à amplitude do movimento, ao controle geral). Na dança, isto se torna particularmente evidente.

A dança moderna propôs o questionamento aos padrões fixos, ao modelo único de corpo para o dançarino, celebrando o movimento singular de cada indivíduo como o ponto de partida da criação. As técnicas de dança moderna buscam um corpo que fale do contexto histórico em que a dança é produzida. Ainda há padrões a serem alcançados, mas eles são múltiplos, de acordo com a linguagem e o código de cada técnica.

Na década de 1970, o norte-americano Steve Paxton começa a desenvolver a técnica de contato-improvisação, que utiliza princípios de peso e contato corporal para a improvisação de movimentos com dois ou mais bailarinos, desenvolvendo uma espécie de “escuta” através do movimento e do toque. Sendo técnica possível para os mais variados corpos, passou a ser usada também por pessoas com deficiência.

Já Pina Bausch tem como principal tema a condição existencial humana, apropriando-se de movimentos do cotidiano, aliados a gestos abstratos, além do uso da palavra e de experiências reais dos dançarinos, evidenciando um caráter mais psicológico e simbólico.

A dança contemporânea traz questionamentos sobre o corpo humano, não apenas referentes a sua mecânica, mas a tudo que o move. O vocabulário da dança se amplia drasticamente com o estudo do movimento de cada corpo e suas referências pessoais: todo movimento pode ser dança, todo corpo dança.

Neste contexto é que podem surgir – e encontrar seu espaço – companhias formadas por bailarinos com e sem deficiência, como: Candoco (1991, Inglaterra), Roda Viva (Brasil), DIN A13 (Alemanha), Mão na Roda (Brasil), entre outras. Destaca-se especialmente o trabalho de Alito Alessi, com a criação da *danceability*.

A companhia de dança-teatro DIN A13 foi fundada em Colônia pela coreógrafa alemã Gerda König. Seu principal diferencial é explorar a qualidade corporal da pessoa com deficiência e usá-la como referência na criação das coreografias ... Para Gerda, o encontro das diferenças físicas, culturais, psicológicas entre indivíduos com ou sem deficiência é fundamental para o desenvolvimento de uma linguagem na dança contemporânea.

O processo coreográfico da companhia é organizado de acordo com os seguintes procedimentos: instruções sobre técnicas para trabalhar coreograficamente com bailarinos com deficiência física; sensibilização para qualidades físicas e de movimento especiais; “quebra” e modificação do vocabulário pessoal de movimento na dança; realização coreográfica do material de expressão e movimento criado pelo grupo.

A DIN A13 realiza o programa *Dance meets differences*, levando seu processo criativo para outros países, onde são selecionados bailarinos com e sem deficiência, com e sem experiência profissional, além de um(a) coreógrafo(a), que se juntam a integrantes da companhia, para a criação de um espetáculo de dança-teatro.

Foi realizado em Nairobi (Quênia) e deu origem ao espetáculo *Counter Circles* e em São Paulo (Brasil), resultando no espetáculo *Via sem regra*, apresentado em maio de 2005, contando com o seguinte elenco: Andréa Hofmann, Estela Lapponi, Gitta Roser, Juliana Araújo Ferreira, Marc Stuhlman, Marcos Abranches, Michel Fernandes, Nilson Muniz. Coreógrafa: Gerda König e Co-coreógrafa: Lara Pinheiro

O trabalho se inicia com um workshop, dando oportunidade de participação a um grande número de pessoas. Alguns são selecionados para o processo de criação do espetáculo. O tema comum aos espetáculos do Brasil e do Quênia foi o “TABU”, refletindo sobre discriminação, violência, sexualidade e o “culto ao corpo”, a partir das experiências dos integrantes e das referências culturais de cada país. O assunto traz uma reflexão contundente sobre as variadas formas de discriminação e opressão socialmente aceitas. Esta escolha temática redimensiona o estigma e amplia o conceito de diferença, não deixando que se restrinja à questão da inclusão do deficiente. Estas questões são respondidas pelos bailarinos através de frases de movimento.

Após a realização do projeto *Dance Meets Differences*, os bailarinos Estela Lapponi, Marcos Abranches e Juliana Ferreira realizaram o *workshop* de dança-teatro Frases do Corpo, na Oficina Cultura Oswald de Andrade, em que conduziram um processo semelhante, integrando pessoas com e sem deficiência física, tendo como tema o preconceito. O nome Frases do Corpo foi criado por Estela Lapponi como referência à expressão utilizada por Gerda König nos ensaios e também pelo conceito de que “*cada corpo é um corpo, com suas histórias psicológicas, sociais e culturais – memória - independente de condição física*”¹ e cada corpo teria suas “frases”.

Podemos perceber, pelas descrições do processo de trabalho, a descendência direta do trabalho de Pina Bausch, através do uso de perguntas que visam à sensibilização e exposição das vivências pessoais dos bailarinos, relacionadas ao tema proposto.

A orientação do processo criativo expõe uma percepção de corpo própria da dança contemporânea: corpo em permanente contato com o seu ambiente e, portanto, em permanente transformação. A experiência transformadora vivida pelo artista se dirige à transformação do espectador e do mundo, compartilhando essas mudanças de estado e de sentimento, pelas quais passa o corpo-artista.

A Cia. DIN A13 traz uma marca da contemporaneidade, que é a multiplicidade de corpos, deliberadamente imperfeitos, não unificados em sua forma, mostrando-se instáveis, às vezes em desequilíbrio, de forma fragmentada. Um corpo “disponível para muitos discursos” (Banes, Sally, citado em Silva, 2004:141). Alimentando-se de referências variadas da dança, como Pina Bausch, Steve Paxton e Alito Alessi, reflete sobre a existência humana através da exploração do movimento de diferentes corpos (matéria-prima de dança).

A companhia estabelece, com seu trabalho, uma “estética da diferença”, que espelha um importante aspecto da dança contemporânea: é uma dança sem padrões rígidos de corpo, com múltiplos corpos, todos diferentes (com deficiências ou não) e singulares. E aí reside sua beleza.

A diversidade de culturas e de corpos contribui para a renovação e transformação incessante da linguagem da dança. Por outro lado, se a sociedade produz o refugo humano (seres descartáveis e desacreditados), as pessoas estigmatizadas também produzem transformações sociais, que não seriam possíveis sem esta diversidade.

Bibliografia:

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. RJ: Jorge Zahar, 2005.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. RJ: Jorge Zahar, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. RJ: LTC, 1963.

MATOS, Lúcia. Cartografando espaços fronteiriços: a produção da dança inclusiva no Brasil. Anais do IV Congresso ABRACE. RJ: 7Letras, 2006.

SILVA, Eliana R. **Dança e pós-modernidade**. Salvador: EDUFBA, 2004.

Site consultado: www.din-a13.de

1 segundo Estela Lapponi, em conversa informal.